

Imigram meus

PÁSSAROS

LUCIANA NABUCO

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020

SOBRE “IMIGRAM MEUS PÁSSAROS”

Há uma expressão poética inglesa antiga que fala “turn loose the swans”, liberar os cisnes, aves sagradas e selvagens, cujo poder e graça fazem viva a epifania da luz. Há todavia, duas luminárias, a luz do dia, solar, ctônica e quente, de Omulu, e a luz da noite, lunar, úmida e misteriosa, de Nanã.

Apolo, deus da música, da poesia, e da adivinhação, nasceu em Delos, num dia sete. Cisnes sagrados fizeram, neste dia, sete vezes a volta na ilha. Depois Zeus entregou a jovem divindade, juntamente a lira, um carro puxado por cisnes brancos.

As águas profundas da lagoa de onde habitam seus pássaros é o *mundo escondido e secreto que sobrevive aos riscos, danos e arranhões* como canta em “Lunares”.

Seus cisnes se levantam do lodo mais profundo da terra, a substância mais pura de todas as eras, manancial de cura, vida-morte-vida que é transformação.

Nabuco é criança e velha, Odette e Odile, lançando sua luz no olhar fresco e atrevido que desenrosca as cordas da lira e nos enredos memoriais que marcam em ranhuras e hachuras a velha mulher sábia, a feiticeira que nos chama desde o ventre dos paraísos abismais.

Essa antologia poética mais que junção estética é um oráculo, Oriki, saudação a cabeça-cabaça que contém os grãos da arte de Luciana. Tirem os sapatos, fechem os olhos enquanto espreguiçam os ossos, sentindo-se livres e acolhidos para saborear a musicalidade e ancestralidade que aqui transcende o tempo e dança feito pluma no ar.

Felipe Zúñiga



"Sonhos", pintura de Luciana Nabuco

RAIZ

De muito longe eu venho. Chego e deposito meus frutos
nessa porta.
Por favor, abra, estou cansada assustada e com frio.
Imploro alimento que irá curar toda falta em meu peito.
Não disponho de mais nada.
Sou triste, vazia e solitária.
Deixo para trás a alegria sem poder avançar,
Pois não abriste a tua porta.
Pausa. Tempo.
Já não sinto mais fome. Esgotei em mim todas as
possibilidades.
Não voltar.
Esgotei todas as possibilidades.
Crer.
Mas essa árvore está seca e podre.
Inútil.
Ridícula em sua teimosia de querer se manter firme.
Frágil raiz do tempo que sonha.

Raiz que agora eu renego...
Já não sei mais florescer.
Não ser.
Deixar para trás a pequena menina.
Inútil.
Ridícula.

Abraço a escuridão, constante amiga.
De muito longe eu venho.
Mas meu voo foi curto na fome e sede.
Não acreditei em meus sonhos e desdenhei de tudo que
pudesse
Sim, causar encantamento.
Amor que tarde me veio...

Este é o verdadeiro alimento.
Ele chegou com sua calma e força.
Se apiedando do pobre animal em sua dourada fortaleza.
Inútil é negar a própria natureza.
Eu gostaria de morrer em teus braços.
Do meu canto mudo esqueci as belezas do mundo
Ingênuo passarinho de asas de vidro...
O perfume de lugares distantes te envenenou.
Viagem vazia.
Esqueça...
Abraça a alegria como manto protetor.

ILEGÍTIMA

Sentada na única cadeira de uma mesa vazia
Estou diante da mesa da minha própria vida.
Qual um Midas ao avesso vejo o ouro
Transformar-se em pedaços de comida
Escura e fria.
Da minha barriga foram arrancados três frutos para o
mundo.
Estou agora sozinha
Em volta do círculo de água.
Suave melancolia de quem escolheu nascer
Apenas sabendo amar.
Cadela faminta
Me dê o pescoço para que eu ponha uma corrente.
Não se preocupe. Ainda pode respirar
Quem ela é?
Diz o homem
Não tem nome, sabe apenas procriar.
Com ela eu posso falar dos meus amores, tempos ausentes.
Ouço de pé.
Ainda estou imóvel e descarnada.
Suja, assustada.
Nada mais lhe resta. Mas para uma coisa ainda serve.
Escuta, bem alto.
Nunca mais irei me calar.

NARCÓTICO RETRATO

Eu te liguei
Ontem
Não me respondeu
Beladonna vulnerável
Rasguei teus retratos
Estúpidos e falsos
Desesperado ator
Perdido
À procura dos mil beijos teus
Manchados na minha camisa
Beijos desfolhados vazios de sentidos
Cômica Beladonna
Quantas noites perdi
Noites insones sem ligar para mim
Perdido o ator...
Discando discando
Tua voz nem quero mais escutar
Mascarada, fingida
Beladonna da minha vida
Fúria do tempo, quero tua carne, teus peitos, tuas coxas
Quero mesmo assim
Essa boca que
encarcerada em volúpia
Docemente
cospe em mim...

INDIGO

Dor. Já nem sei quem sou
Azulejos frios, apagados
Dor de apenas uma cor
O tom azul infinito de um céu
Cortado em mosaico
Pedacos separados em diferentes barcos
Joguei-me ao mar
Joguei-me em seus braços
Frágil amparo
Ao longe eu não escutei o vento chamar
E a embarcação coroada de azulejos
Mais do que frios me observava
Afundar
Desprendiam da alma os meus sonhos
Que algum dia subirão à superfície
Doces e tranquilos
Como eterna espuma de criança...

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2020.
